

CADMO

Revista de História Antiga

Centro de História
da Universidade de Lisboa

24

U

LISBOA

Centro
de História



MHNIN ΔΕΙΔΕ ΘΕΑ ΠΗΛΗΙΑΔΕΩ

mente a particularidade da associação Zeus/Atena sobre diferentes epítetos – *Phatrios/Phatria*, *Sōter/Sōteira*, *Alseios/Alseia* e *Machaneus/Machanis* – diferenciando de acordo com os diferentes papéis e grupos associados. A obra termina com o capítulo dedicado às características das «práticas sacrificiais», em que Paul assume claramente a perspectiva de que, tal como os panteões, também as estruturas do rito têm variações locais e que, com a redução da escala de observação e interpretação, a noção de um modelo estável, que possa ser projectado sobre os comportamentos, é seriamente posto em causa pelos testemunhos. São sinalizados paralelos e divergências com os supostos paradigmas da religião grega em relação a aspectos como a escolha da vítima, o tipo de consagração ou a forma das libações, e a autora desenvolve os exemplos específicos da ilha que maiores contributos podem dar ao debate.

Em suma, trata-se de uma monografia que claramente responde às potencialidades historiográficas das dinâmicas locais e regionais na religião grega e se assume como o trabalho de referência sobre os cultos de Cós. É avançada uma síntese que revê praticamente toda a documentação disponível, e esse conjunto de testemunhos é analisado criticamente, com bastante profundidade, reforçando a validade da consulta. Desta forma, enquanto estudo que aborda um espaço sobre o qual a relativa ausência de fontes literárias pode, à partida, colocar entraves à interpretação de um sistema local, é aplicado um método, particularmente próximo do que foi já avançado para a Arcádia por Madeleine Jost, que estabelece um denominador mínimo das realidades religiosas, mas validando, acima de tudo, a pertinência do uso dos materiais epigráficos para esse fim.

Martim Aires Horta

GUSTAVO GARCÍA VIVAS (2013), *Octavia contra Cleopatra. El papel de la mujer en la propaganda política del Triunvirato (44-30 a.C.)*. Madrid, Liceus Ediciones, 257 pp. ISBN 978-84-9714-039-3 (21.00 €).

O livro em epígrafe é o resultado da tese de mestrado de Gustavo García Vivas, apresentada à Universidad Autónoma de Madrid. Nele, é reavaliado o protagonismo político de Octávia, irmã de Octaviano/Augusto, e de Cleópatra VII, durante o segundo triunvirato (43-30 a.C.). A obra insere-se nas tendências historiográficas do último quartel do

século XX, designadamente nos chamados *gender studies*. Com uma revisão das fontes disponíveis sobre o período, o autor procura refutar alguns *loci communes* presentes na comunidade académica em torno do papel das matronas romanas na política.

A obra, precedida de um prólogo a cargo de Professor José A. Delgado da Universidad de La Laguna, divide-se em cinco capítulos, a que se juntam introdução e conclusão. O estudo inclui uma listagem de abreviaturas, bibliografia, índice onomástico e índice de autores citados. A bibliografia é cuidada e actualizada. Lamentamos, contudo, a ausência de um *index locorum* e de uma tabela cronológica que, a nosso ver, facilitaria a consulta do texto.

Ao introduzir (pp. 15-21), García Vivas justifica a intenção de desenvolver o tema proposto, apontando, ainda, as suas referências a nível académico. O autor propõe abordar este período da história romana de acordo com a metodologia proposta por Münzer e, principalmente, por Syme.

Em «Octavia entra en liza. 43-40 a.C.» (pp. 23-70), primeiro capítulo da monografia, é discutida a ascensão política de Octávia. Partindo da actividade de Octaviano, traçam-se alguns acontecimentos da vida da sua irmã: o matrimónio com Gaio Cláudio Marcelo, com uma breve abordagem de alguns aspectos pertinentes sobre a natureza jurídica do *matrimonium* romano; a acção de Octávia no Templo das Vestais e nas proscricções, ambas em 43 a.C. O autor elabora, ainda, uma breve biografia de Marco Cláudio Marcelo, filho de Marcelo e Octávia. É opinião de García Vivas que estes dois episódios demonstrariam a influência que a matrona romana teria sobre Octaviano. Essa preponderância vai materializar-se com o tratado de Brundísio (40 a.C.), onde foi acordado o casamento entre Octávia e o triúnviro Marco António.

O segundo capítulo «Octavia: clave de bóveda del sistema triunviral. 39-32 a.C.» (pp.71-108) centra-se, essencialmente, no período do casamento de Octávia com Marco António. É enfatizado o papel de Octávia no denominado «inverno ateniense» (39-38 a.C.) em que é sublinhado que a mulher de António foi essencial para a *grauitas* demonstrada pelo triúnviro nesse período. García Vivas volta a considerar a actividade de Octávia como actor político nos tratados de Miseno (39 a.C.) e Tarento (37 a.C.), que permitiu a extensão do triunvirato por mais cinco anos. É apontado que esta teve a função de *arbiter* na resolução do conflito entre os dois principais triúnviros (p.81). García Vivas acentua a resiliência de Octávia, em 35-34 a.C., ao recusar abandonar a casa de António em Roma. A irmã de Octa-

viano disporia de estatuto *sui iuris* (p.101). O estatuto *sui iuris* seria um exemplo paradigmático do ambiente de mudança da elite feminina romana nos finais da República. Empregando um termo «symeano», o autor considera que foi uma autêntica «revolución» (p.103). García Vivas finaliza o capítulo considerando que o *diuortium* entre António e Octávia, provocado pelo triúnviro, foi um grave erro político.

No terceiro capítulo «La heredera de un pasado milenário: Cleopatra VII. 43-35 a.C.» (pp. 109-153), o autor debruça-se sobre a actividade de Cleópatra VII. São discutidos pontos como: o apoio de Cleópatra à causa cesarista; a importância política de Cesarião; o primeiro encontro de António e Cleópatra em 41 a.C., em Tarso; a estadia do próprio em Alexandria no inverno de 41-40 a.C. ou as concessões territoriais do triúnviro a Cleópatra no inverno de 37-36 a.C. García Vivas conclui que, ao contrário das afirmações de muitos historiadores, Cleópatra era uma mulher perspicaz com tacto político, e que pretendia através da aliança com António manter o Egipto sob a protecção de Roma.

No quarto capítulo «La ruptura definitiva. 35-32 a.C.» (pp.153-184), são tratados os motivos que levaram à ruptura do triunvirato e a guerra propagandística que se seguiu. O autor aponta o triunfo celebrado por António em Alexandria (34 a.C.) como um erro político decisivo para a causa do triúnviro. O triunfo, tradicionalmente celebrado na *Vrbs*, seria considerado um insulto a Roma. Realça-se, seguidamente, a intensificação da batalha propagandística no biénio 33-32 a.C., assinalando duas deserções do campo antoniano: Lúcio Munácio Planco e Marco Tito. García Vivas acredita que a divulgação pública do conteúdo do testamento causou um efeito negativo na opinião pública romana e acabou por ser essencial para Octaviano legitimar a guerra civil: o inimigo não seria António, mas a sua *domina*, Cleópatra VII (p. 179).

No último capítulo «Los dioses abandonan Cleopatra. 31-30 a.C.» (pp.185-209), o autor discute a queda de António e Cleópatra, abordando, principalmente, os acontecimentos decorrentes da derrota de Áccio (31 a.C.). Com especial ênfase são narrados os últimos momentos da rainha do Egipto (pp. 198-205), seguindo-se as várias hipóteses de suicídio de Cleópatra VII. É apontado o carácter lendário que a morte de Cleópatra adquiriu para a posteridade graças à literatura augustana (p. 208).

Ao concluir, García Vivas realiza um breve resumo das questões abordadas, destacando o papel das mulheres na sociedade romana

em comparação com a sua quase insignificância na sociedade grega. É sublinhado o intuito do estudo: realçar a autonomia política das duas mulheres visadas, não como subordinadas a Octaviano e Antônio, mas como *feminae politicae*.

Esta obra é um contributo assinalável para a história das elites femininas romanas. Seria, no entanto, impossível que numa obra desta envergadura não houvesse algumas pequenas observações a assinalar. Poderiam ter sido discutidos com maior pertinência a origem, influência e ambiente da produção das fontes citadas. Lamentamos, igualmente, a quase completa ausência do testemunho de Flávio Josefo, fonte essencial para compreender o período de estadia de Antônio no Próximo Oriente e, principalmente, no tratamento da imagem de Cleópatra VII. Seria também desejável que o extenso *corpus* numismático fornecido na obra acompanhasse o texto produzido (e.g. pp.35-36). Como complemento a este trabalho, seria importante uma aproximação ao estudo da terceira mulher de Antônio, Fúlvia, baseado em dois tópicos: os traços retóricos do comportamento de uma matrona romana (Octávia vs Fúlvia) e os paradigmas de alteridade (Fúlvia vs Gláfrica). Notamos a ausência do testemunho de Sen. *Suas.* 1.6. (pp.78-79). Na p.174, o autor propõe analisar as deserções de Planco e Aenobarbo, quando, porém, analisa as de Planco e Marco Tito.

No seu conjunto, o livro em recensão reveste-se do maior interesse e importância para o estudo do uso da propaganda como História. O tratamento de que dispõem Octávia (normalmente subvalorizada no tratamento da elite feminina romana no século I a.C./d.C.) e Cleópatra VII constitui-se como uma mais-valia para os *gender studies*, tanto pela aposta na temática, como pela abordagem original.

João Paulo Valério

CHRISTIAN LAES et JOHAN STRUBBE (2014), *Youth in the Roman Empire. The Young and the Restless Years?*, Cambridge, Cambridge University Press, 256 pp. ISBN 978-1-107-04888-1 (hardback, £60.00), 978-1-107-62672-0 (paperback).

Este livro é uma versão inglesa de um original publicado em neerlandês, em 2008, *Jeugd in het Romeinse Rijk: Jonge jaren, wilde haren?*, que segue os trabalhos e investigação desenvolvida por E.